

O ABC da cultura do PT

São Paulo — 27/10/89

Zuenir Ventura

Ponto para o PT. Ainda que tardia, a saída de Luiz Eduardo Greenhalgh, espontânea ou exigida, tem o mérito de revelar que prevaleceu no partido a vontade de recuperar a bandeira ética, a qualquer custo, inclusive o de fornecer munição aos adversários. Haverá sempre alguém para dizer: "Só saiu porque a imprensa pressionou". Que assim tenha sido: a pressão é, como se sabe, arma da democracia.

Mesmo aqueles que, no comitê da campanha de Lula, achavam que alguma cabeça tinha que exemplarmente rolar, temiam que a decisão retardada fosse prejudicar a candidatura. E pode — mas é o risco de ser inconveniente o que aumenta o mérito da solução, sobretudo nessa fase final em que as campanhas só querem cultivar conveniências. Esse é o PT diferente, de que tanto se orgulham seus militantes.

Na cultura política da República Sindicalista do ABC, fonte inspiradora do PT, existe um axioma que diz: "O dirigente sindical só é bom se fizer um bom acordo salarial". Isso quer dizer que não há delegações incondicionais. Sempre fiscalizado, o líder pode a qualquer momento deixar de sê-lo. Basta errar.

"Não é Lula quem vai governar", costuma dizer o próprio nos comícios. "São milhões de Lulas". Vai nisso muito de retórica de campanha, mas também de síndrome de quem habituou-se a ser porta-voz da categoria, e que, portanto, não pode errar.

Essa cultura do ABC ajuda a explicar o perfil político de Lula e de sua campanha. Ao contrário de Collor, ele não atrai adesões histéricas; diferentemente de Brizola, não provoca devo-



Lula na festa de aniversário: cheiro de operário

ções fanáticas; como diria Sarney, ele não tem physique de rôle e nem, provavelmente, cumprirá bem a liturgia do cargo que disputa. O estilo do candidato Lula é peculiar. Lula não é carismático, no sentido que o vocabulário político costuma dar a essa palavra no Brasil: messiânico, iluminado, caudilhesco, autoritário. Não é nada disso. Os militantes o chamam de você e se dirigem a ele com a franqueza de um companheiro.

A relação do ex-presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e Diadema com seus liderados é a mesma que exercita há mais de 10 anos como líder sindical. Ele vale pelo que faz — e enquanto fizer bem.

Na última segunda-feira, em frente à fábrica de Elevadores Otis, em Santo André, — o A do ABC — o candidato da Frente Brasil Popular era cercado por jornalistas para uma entrevista. De repente, saída do outro lado do gradil de ferro, uma voz enérgica gritou: "Ei, cara, sobe logo no caminhão. A imprensa fica prá depois". O cara olhou e

disse: "Tá certo". Gripado, febril, "um bagaço", sob um sol de quase 40° às duas horas da tarde, Lula subiu a escada do caminhão de som.

A ordem era de um peão, de macacão azul, que, como dezenas de outros, estava do lado de dentro da fábrica para ouvir o candidato. Parecia um desrespeito. Não é assim que se está habituado a ouvir alguém se dirigir a um candidato à Presidência da República. Mas era só a rude e justa reclamação de quem tinha horário para voltar ao trabalho e que, por isso, não podia ficar esperando.

No dia em que Luis Inácio Lula da Silva fez 44 anos, a peãozada, como ele gosta de dizer, reuniu-se à noite na sede do sindicato em São Bernardo. Foi uma festa com três mil pessoas, muitos discursos e aquela fraternidade de uma classe que, enquanto espera ir para o paraíso, não tem medo nem pudor de ser feliz: bebe, canta, se abraça e festeja da maneira que um olhar burguês chamaria de breja.

Estavam reunidos no seu histórico auditório, uma espécie de templo dos metalúrgicos. Ali, dez, onze anos antes, sob a liderança do jovem Lula, eles decidiram reinventar a greve no Brasil. Mais do que as fábricas, eles paralisaram o país — de estupefação. Andando politicamente sobre um fio de navalha, ampliando os horizontes do possível, os metalúrgicos do ABC tornaram menos lenta e gradual, e mais segura, a abertura.

No andar de cima, no bar superlotado, Aloísio Mercadante, o principal economista da equipe de Lula, tomava uísque quase quente num copo de plástico, quando passou um peão e disse: "Vê se endireita a economia do país". Mercadante, que se transformou numa estrela da campanha menos por sua competência técnica e mais por ser o único economista a se fazer entender pela peãozada, responde tranqüilo quando se provoca: "Periga ganhar?"

— Esse fantasma não me assusta. Vamos provar que temos competência para governar esse país.

Pela manhã, na sua casa em São Bernardo, Lula dizia ao JORNAL DO BRASIL: "Depois de 489 anos, esse país vai ter um presidente operário — com cara de operário, cheiro de operário, fala de operário e competência de operário."

Os próximos dias vão dizer se a demora de solução da crise na primeira grande experiência administrativa do PT, a Prefeitura de São Paulo, vai influir na candidatura e no sonho inédito de Lula. De qualquer maneira, num país em que o erro está sempre do outro lado, nunca do nosso, o desfecho de ontem, por não se poder prever suas conseqüências na campanha, foi, ainda que tardia, uma prova de coragem do partido. Ponto para o PT.